

## O dolmen de Zêdes

**A** BUNDAM, como é sabido, na província de Trás-os-Montes essas construções prehistóricas, conhecidas literariamente pelo nome de dolmens, as quais o povo designa por variadas maneiras, conforme as localidades.

Dos quatro existentes no concelho de Carrazeda de Anciães, é este, de que dou noticia, um dêles. Está situado na freguesia de Zêdes, uns trezentos metros a nascente da povoação, mesmo à orla do caminho que da séde concelhia lá conduz.

Numa recente digressão de estudo realizada na agradável companhia dos meus eselarecidos amigos, Dr. Raúl Teixeira, meretíssimo Juiz de Direito em Carrazeda de Anciães e P.<sup>o</sup> Francisco Manuel Alves, reitor de Baçal, ilustre investigador a quem a arqueologia portuguesa muito deve, tive ensejo de o vêr e de lhe fixar a imagem pela fotografia. No momento, recolheu as suas características o abade de Baçal, notas que aqui reproduzo por amavelmente m'as ter confiado.

A primeira referência conhecida ácêrca dêste

exemplar neolítico foi a que publicou o Dr. Pedro Augusto Ferreira no *Portugal Antigo e Moderno*, artigo ZÊDES (1), onde se lê: «há contudo uma velharia que merece mencionar-se: é uma *guarita* ou *casinha*, formada de grandes pedras



O dolmen de Zêdes

sòmente e que pode abrigar seis ou mais pessoas. Chamam-lhe *Casa da Moura* e êste mesmo nome dão ao sítio onde se acha, que é no mencionado *Campo*, ao nascente daquela aldeia.» Esta

(1) Vol. XII, pág. 2092.

notícia transcreve-a o continuador da obra de Pinho Leal, conforme a recebeu dum informador, merecendo-lhe todavia o seguinte comentário: «A dita *Casa da Moura* muito provavelmente é um dolmen ou anta, pois neste concelho ainda se apontam mais dolmens. Na freguesia de *Vilarinha da Carvalheira* apontamos nós três (1). Com vista aos arqueólogos.»

Tomando a deixa, o ilustre P.º José Augusto Tavares, hoje abade de Carviçais, devotado cultor da arqueologia, logo em 1895, no então nòvel arquivo *O Arqueólogo Português* (2), abordava o assunto, esclarecendo com maior justeza essas construções funerárias, que o povo do local denomina *Palas Mouras*, ou melhor *Palas das Mouras* (3). De passo, ainda, referia-se ao dolmen de Zêdes (4), dizendo: «como não possuo os ele-

(1) *Portugal Antigo e Moderno*, vol. XI, pág. 1342.

(2) Tom. I, pág. 107.

(3) A propósito dêste apelativo diz o eminente arqueólogo Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos: «Segundo me informa, em carta de 28 de Maio de 1895, o Sr. P.º José Augusto Tavares, pároco de Ligares (Trás-os-Montes), o nome genérico de dolmen nas regiões do Sul do Distrito de Bragança é PALA DA MOURA, dizendo-se pois «*Pala da Moura* de Vilarinho», *Pala da Moura* do Castêdo». Mas será *Pala* um nome comum ou nome próprio, embora de uso frequente?» (*Religiões da Lusitânia*, vol. I, pág. 255).

(4) Pouco distante dêste monumento há um castanheiro secular cuja circunferência exterior é de 19<sup>m</sup>,10 e interior 8<sup>m</sup>,60, num sentido e 2<sup>m</sup>,80 noutra. Tem duas aberturas, uma que serve de porta e outra de janela.

mentos necessários para o descrever, nem ainda o visitei, deixo-o apenas mencionado.»

Ésses elementos colheu-os, quando da nossa visita, o erúdito reitor de Baçal e são os seguintes:

Tem nove esteios de granito todos de pé, menos um que despedaçaram. Os esteios acima do nível do terreno elevam-se a 2 metros, tendo de largura 1<sup>m</sup>,22 o mais avantajado dêles; os outros menos, com pequenas variantes. A capacidade interna do monumento é de 3 metros por 2<sup>m</sup>,40. Há vestígios patentes da galeria, com pedras postas de cutelo ao nível do terreno, voltada ao nascente.

O chapéu apoia-se apenas em quatro esteios, pois que os outros estão deslocados, inclinándose para dentro.

Doloridamente verificamos todos nós que o monumento está condenado a desaparecer, pois que o dono do terreno, um labroste com quem falamos, tomando-o como um estôrvo aos seus interêsses pessoais, se julga no direito de o arrasar, como propriedade muito sua, logo que isso lhe convenha para melhor proveito do cultivo.

Se o não defendem sem dúvida que virá a terra. ¡Almas boas, exclama o meu excelente amigo Reitor, tende compaixão dêle!

O terreno em volta, restos apagados da *mamôa*, vai fugindo pela cultura e o homem ignaro fará o resto.

Não admira que isso se dê. Quando belos

exemplares architectónicos, ruem por falta de protecção eficás, que dizer desta espécie modestíssima de monumentos, cujo significado o vulgo desconhece, e os altos podêres desdenham com a mais soberana indiferença!

PEDRO VITORINO.

